
**ENTREVISTA CONCEDIDA A LIGIA CONCEIÇÃO
SANTANA E HAMILTON RODRIGUES DOS SANTOS**

Ana Maria Mauad

Doutora em História Social pela Universidade Federal Fluminense (UFF), com pós-doutorado no Museu Paulista da USP. Atualmente é professora do Departamento de História, Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em História, pesquisadora do Laboratório de História Oral e Imagem da UFF, desde 1992, e do CNPq desde 1996. É Cientista do Nosso Estado Faperj (2013-2016). Dedicou-se ao ensino de teoria e metodologia da história, sendo autora do livro "Poses e Flagrantes: ensaios sobre História e fotografias" (Eduff, 2008). Dedicou especial interesse à reflexão crítica sobre a fotografia.

Perspectiva Histórica: Em que situação a imagem se transformou em fonte no seu caminho de pesquisa?

Ana Maria Mauad: *Bem, eu ingressei no mestrado da Universidade Federal Fluminense - UFF, em 1985, com um projeto sobre a história no ensino supletivo. O objetivo do projeto voltava-se para indagar sobre o ensino da história para jovens e adultos, apoiado na minha experiência como professora da rede pública naquela ocasião. Entretanto, logo que comecei o curso no PPGH da UFF, cursei a matéria de metodologia da História com o professor Ciro Cardoso e, paralelamente, participava de seminários livres da FUNARTE no Rio de Janeiro, que se debruçavam sobre temas diversos, como o tempo, os sentidos da paixão, etc. Esse último tema em especial me despertou a ideia de relacionar os sentidos da paixão na fotografia. Com base nessa motivação, reformulei meu projeto de ingresso no mestrado. Apresentei ao professor Ciro, como parte da disciplina de metodologia, a proposta de reformulação do projeto. Muito gentilmente, mas de forma direta, o professor me aconselhou a ficar com a fotografia como fonte e me esquecer da paixão como objeto*

de estudo. Agregou a esse conselho uma bibliografia com dez títulos sobre semiótica da significação. Desde então, a fotografia passou a ser não somente a minha fonte de pesquisa, mas o próprio objeto de estudo e, por que não dizer, o caminho da minha pesquisa em História.

PH: Qual o lugar do Laboratório de História Oral e Imagem na sua produção? Destacaria algum projeto?

AMM: *O LABHOI é o meu lugar de produção de conhecimento, o espaço que legitima meu discurso acadêmico, pois todos os meus projetos de pesquisa, desde que ingressei na UFF, no concurso de 1991, foram baseados na prática historiadora desenvolvida no LABHOI. As relações entre memória e história têm sido o cerne de nossa reflexão, entendendo-se que o historiador é responsável por um tipo de narrativa e conhecimento específicos, críticos e controlados academicamente. Assim, o conhecimento histórico produzido sobre o passado – categoria sempre definida e reconstruída como objeto – tem, na própria produção de memórias, uma de suas fontes e também um de seus objetos privilegiados. Dentro dessa perspectiva, os trabalhos*

desenvolvidos no LABHOI têm como objetivo geral explorar temáticas que abarquem questões sobre os “usos” do passado na história, enfatizando a história da memória de grupos sociais ou de indivíduos, bem como a lógica da produção, circulação, consumo e agenciamento de registros visuais, orais e/ou escritos que se organizam no “fazer” da história. Para a implementação deste objetivo geral, os projetos associados ao LABHOI se debruçam sobre as múltiplas dimensões temporais da história, na sua relação com a memória social.

PH: *Você foi pioneira em muitos aspectos: no uso e interpretação de fontes e na constituição de metodologia de análise. Inúmeras pesquisas seguem estes passos que você consolidou na sua trajetória de pesquisa. Você tem noção do quanto influenciou no que diz respeito à escrita da história?*

AMM: *Compartilho o pioneirismo com um conjunto de importantes interlocutores que nos anos 1990 abriram caminho para uma história feita com imagens. Esses interlocutores hoje são nomes que integram uma importante bibliografia sobre História e cultura visual no Brasil. A abertura da*

problemática da imagem para o campo dos estudos históricos integra o salutar movimento de revolução da nossa consciência historiográfica, percebidosobretudo nos programas de pós-graduação na virada do milênio. A problematização da visualidade, como plataforma de observação da sociedade como um todo, estendeu os domínios da história social. As fronteiras se alargaram na direção de experiências variadas concebidas como práticas sociais, e, de seus registros, não somente como prova e evidência, mas princípio de ação sobre o mundo.

Creio que compartilho de um fenômeno de geração. Uma geração de historiadores que, independentemente da idade, compartilharam propostas de renovação da escrita da história considerando as diferentes matérias significantes do passado, entre essas, as imagens e os sons.

PH: *A História Pública deu um novo fôlego e significado a pesquisa histórica nestes últimos anos. Você é uma das principais referências no Brasil neste campo. Como avalia o crescimento deste campo?*

AMM: *Não me considero referência nesse campo, pois não*

há campo para se referenciar. A história pública está mais para aquele bordão do Chacrinha: “eu vim para confundir e não para explicar”. A História Pública mais do que um campo de estudos é uma atitude em relação à prática historiadora. No Brasil, ao contrário dos países anglo-saxões, sobretudo os Estados Unidos, em que a História Pública se vinculou às pesquisas não acadêmicas (inclusive vista com suspeita pela academia nos EUA), partiu de uma problematização dos usos públicos da história, da história e seus públicos e das histórias compartilhadas entre públicos. Um movimento que tem a sua origem nos debates metodológicos sobre história oral, um dos domínios em que a escrita da história tem enfrentado desafios significativos associados à questão do tempo presente e da contemporaneidade do fato histórico; da subjetividade do relato face à demanda por objetividade do conhecimento; sobre a autoridade de quem fala sobre a memória dos outros; sobre as questões relacionadas ao estatuto de verdade do conhecimento apoiado na produção fontes, etc. A história oral desafiou os limites da história contemporânea nos últimos 20 anos e abriu caminho para noções como história do

tempo presente, história da memória e também história pública. Nessa rubrica, portanto, incluem-se modos de se plasmar o passado em discurso histórico quer seja cinematográfico, quer seja comunitário; quer seja étnico; quer seja de gênero, etc.; como também problematiza a posse de uma única versão sobre o passado, desafiando as grandes narrativas e convocando para o debate acadêmico a pluralidade dos agenciamentos da história como resultado da própria pluralidade dos tempos da história.

PH: Para a história da fotografia em particular a história pública apresenta que tipo de avanço?

AMM: A história da fotográfica como gênero historiográfico consagrado já se encontra plenamente estabilizada em seus cânones narrativos. No entanto, uma história feita com imagens fotográficas tem muito o que aproveitar dessa nova atitude historiadora, principalmente, se pensarmos do ponto de vista da prática fotográfica que se dissemina nos coletivos de fotografia, nos trabalhos baseados nas comunidades de sentido e na forma como a fotografia pública define o espaço público visual. Alçar a discussão sobre o público na fotografia ao

primeiro plano dos estudos, como venho fazendo nos meus projetos atuais, implica uma série de desdobramentos entre os quais as fronteiras entre o que é público e o que é privado; as relações entre o que é público e o que é comum; as possibilidades de se pensar o espectador como público que reage à imagem e lhe anima na sua ação sobre o mundo, etc. Enfim, um conjunto de questões que desafiam a compreensão de uma história linear temporal e espacialmente.

PH: Hoje é possível encontrar uma diversidade imensa de fontes para a história disponíveis na internet. Os projetos Hemeroteca Digital e Brasileira dão conta de dispor milhares de periódicos e fotografias. Se o acesso às fontes têm mudado, o que você pontuaria como principal obstáculo para a pesquisa com imagem?

AMM: *Os obstáculos aos usos públicos da imagem continuam sendo o entesouramento e a privatização do objeto material. Na medida em que a imagem virtual se torna cada vez mais disseminada em baixa resolução, criando a ilusão do acesso democrático a todas as imagens, transforma o objeto material, fotografia, em fetiche de colecionadores. Os roubos no Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro e na Biblioteca Nacional são evidências dessa atitude perversa face ao passado como relíquia.*

Temos acesso às imagens que se travestem de objetos em fantasias digitais, não temos acesso às fontes, a materialidade do suporte e as condições de compreensão da sua produção. O fascínio com o que vemos nas imagens digitais seduz o olhar, mas oblitera a percepção de que interessa à História, as imagens e seus corpos.

**R
E
S
E
N
H
A
S**

**R
E
S
E
N
H
A
S**

**R
E
S
E
N
H
A
S**

